



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**RESISTÊNCIA DOS CORPOS INVENTADOS: A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS
TRANS/TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA NA PÁGINA DO
#PROJETOEXISTIMOS NO *INSTAGRAM***

ITALO DE OLIVEIRA AGUIAR

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2020

ITALO DE OLIVEIRA AGUIAR

**RESISTÊNCIA DOS CORPOS INVENTADOS: A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS
TRANS/TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA NA PÁGINA DO
#PROJETOEXISTIMOS NO *INSTAGRAM***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Izaías Serafim de Lima Neto

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A282r Aguiar, Italo de Oliveira.

Resistência dos corpos inventados: a constituição de sujeitos trans/travestis em situação de rua na página do #projetoexistimos no Instagram. [manuscrito] / Italo de Oliveira Aguiar. - 2020.

44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2021.

"Orientação : Prof. Me. Izaías Serafim de Lima Neto , Coordenação do Curso de Ciências Agrárias - CCHA."

1. Discurso. 2. Transexual e travesti. 3. Modos de objetivação e subjetivação. 4. Mídias digitais. I. Título

21. ed. CDD 306.768

**RESISTÊNCIA DOS CORPOS INVENTADOS: SUJEITOS TRANS/TRAVESTIS EM
SITUAÇÃO DE RUA NA PÁGINA DO #PROJETOEXISTIMOS NO *INSTAGRAM***

ITALO DE OLIVEIRA AGUIAR

BANCA EXAMINADORA

Izaías Serafim de Lima Neto

Prof. Me. Izaías Serafim de Lima Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Eianny Cecília de Abrantes Pontes

Prof.^a Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Francisco Vieira da Silva

Assinatura

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva (Examinador)
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Aprovado em: 30 de novembro de 2020.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2020**

As transexualidades foram inventadas. Dizer que foram inventadas é diferente de dizer que não existiam. Dizer que foram inventadas é perceber como, quando e de quais maneiras esta forma de subjetividade passa a constituir um elemento importante tanto do ponto de vista discursivo quanto das práticas sociais, ganhando sentidos em determinados regimes de verdade. (Fátima Lima em A construção do Dispositivo Trans: Saberes, Singularidades e Subversões da Norma)

Todo dia morre mais de uma das minhas
Espero que isso mude
Espero que a raiva pare de andar ao meu lado
Espero que o medo pare de me acompanhar
Mas já tô cansada de esperar
Eu mereço parar de esperar
Por isso, ando com a minha navalha (Urias em Andar Em Paz)

DEDICATÓRIA

Às duas grandes mulheres da minha vida Maria Eliane de Oliveira Figueiredo Aguiar (Mainha) e, minha avó, Leonor Dantas de Oliveira (in memoriam) por sempre terem compartilhado das minhas conquistas, DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, as infinitas possibilidades de existência, seja quem ou que for responsável por isso, sou grato por existir.

À Universidade Estadual da Paraíba, especialmente ao *campus* IV de Catolé do Rocha, por ter sido minha segunda casa ao longo dos últimos anos e local de tantos aprendizados, práticas e reflexões.

Ao corpo de funcionários que constroem os pilares da UEPB – *Campus* IV por sempre estarem disponíveis para ajudar e auxiliar em minhas necessidades.

Agradeço muito ao meu querido orientador e mestre, Izaías Serafim de Lima Neto, por dividir um pouco do seu conhecimento comigo e por ser tão atencioso e criterioso em cada correção desta pesquisa, sem ele nada seria possível, por isso, rendo todo meu carinho a esse educador magnífico que acompanhou o desenvolvimento desta pesquisa com tanto empenho quanto eu.

À banca examinadora: Prof. Dr Francisco Vieira da Silva e Profa. Ma Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida por aceitarem participar como examinadores desta defesa e contribuir imensamente para o meu desenvolvimento enquanto pesquisador e humano.

Agradeço aos meus pais, Iracildo Aguiar da Silva (Cildo) e Maria Eliane, pelo incentivo ao longo da minha trajetória escolar e por sempre lutarem para fornecer as melhores condições de estudo. Aos meus muitos irmãos, Iarly, Ionara, Iatanuza, Iury e Icaro, todos de sobrenome igual, por estarem ao meu lado em momentos cruciais da minha vida, mesmo que fazendo barulho eles foram e são essenciais para mim. Às minhas pequenas sobrinhas, Isadora e Isabela, por me fazer dar risadas quando a vontade era de chorar. Amo todos infinitamente.

Às minhas amigas, em especial, Tuane, Alice e Ivana, por serem compreensivas e amorosas quando mais precisei, sou grato por cada incentivo delas, cada mensagem de conforto e cada convite para relaxar a mente. Ainda rendo agradecimentos à Caique, Orlando, Jessica Laiza, Mateus, Sayuri, Daniel, Elias e outros tantos, por estarem envolvidos na minha jornada acadêmica.

Agradeço ainda aos meus colegas, principalmente Luciana, Rivânia, Joselma e Gleidiane, que, ao longo do curso, foram o meu pelotão acadêmico, com elas dividi muitos momentos que superam as paredes da universidade. Sempre as amarr espero encontra-las como colegas de trabalho.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer a três professores que são grandes exemplos para mim e que sempre os carregarei em meu coração: Marcos Rosendo, Marta Lúcia e Jairo Bezerra. Sem eles, tenho certeza de que minha identidade como futuro professor seria totalmente diferente.

A todos, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FOUCAULT E OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE	17
2. A INVENÇÃO E A RESISTÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE	22
3. AS NARRATIVAS DOS CORPOS INVENTADOS	28
3.1 ALICE	29
3.2 CHIARA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os modos de subjetivação e objetivação de sujeitos Trans/Travestis em situação de rua na página do #PorojetoExistimos no *Instagram*. Além disso, procuramos (i) averiguar como os sujeitos Trans em situação de rua, na página do #ProjetoExistimos, subjetivam-se através de suas próprias narrativas e (ii) interpretar como as legendas da página objetivam os sujeitos Trans em situação de rua. O #ProjetoExistimos é uma ação que visa conseguir doações e/ou oportunidades para sujeitos Trans e Travestis em situação de rua, na cidade de São Paulo, seu material é divulgado em forma de vídeo para que possa ser compartilhado para o maior número de pessoas, geralmente são vídeos curtos, com as histórias cruéis enfrentadas por pessoas Trans e Travestis, que (se) emocionam ao narrar suas experiências que transpassam questões de gênero, identidade, rejeição e a miséria das ruas. Entendemos que os sujeitos Transexuais e Travestis por um longo tempo foram, e continuam sendo, invisibilizados e suas identidades constantemente são associadas à prostituição e à pornografia, como se a única forma destes sujeitos existirem se dessem pela disponibilidade e objetificação de seus corpos, uma ideia estruturada que (re)produz uma realidade violenta, excludente e mortal. Nesse sentido, destacamos a importância da hipervisibilidade midiática, produzida através das relações de poder, saber e verdade, e capaz de criar possibilidade para a desconstrução dessa imagem negativa que caracteriza a existência Trans e Travesti, uma vez que, a *internet* permite que esses sujeitos possam narrar suas experiências, trabalhar e até atingir um *status* de fama. A principal referência teórica desta pesquisa é Foucault (2020, 2003) devido suas reflexões sobre as relações de poder, discurso e o impacto das relações entre os poderes, os corpos e as sexualidades. Para compreender melhor sobre gênero e transexualidade, fundamentamo-nos em Bento (2016), Butler (2018), Lima (2013) e sobre a ascensão dos sujeitos através das mídias digitais nossa discussão toma como base Silva (2016) e Sibilia (2008). Este é um estudo descritivo-interpretativo cuja análise é qualitativa e para sua realização foram selecionados dois vídeos no perfil do #ProjetoExistimos no *Instagram*: ALICE – 29 DE MAIO 2020 e CHIARA – 07 DE JUNHO 2020. Com as análises podemos perceber os modos de subjetivação e objetivação que são produzidos pelas narrativas dos próprios sujeitos Trans e Travestis, assim como por meio das legendas, levando-nos a problematizar questões políticas, sociais e biopolíticas que dizem respeito aos corpos e sexualidades marginalizadas.

Palavras-chave: Discurso; Transexual e travesti; Modos de objetivação e subjetivação; Mídias digitais.

ABSTRACT

The present research have as main goal analyze the ways of subjectification and objectification of Trans/Tranvestite subjects on the streets on the page of #ProjetoExistimos on Instagram. Beyond that, we try to (i) verify how the Trans subjects on the streets, on the page #ProjetoExistimos, subjectify themselves through their own narratives, (ii) interpret how the subtitles objectify the Trans subjects on street situation. The #ProjetoExistimos is an action that aims to obtain donations and / or opportunities for Trans and Transvestite subjects on the street, in São Paulo city, its material is disseminated in video form so that it can be shared for the largest number of people, they are usually short videos, with the cruel stories faced by Trans and Transvestite people, who get emotional when narrate their experiences that cross issues of gender, identity, rejection and the misery of the streets. We understand that the Trans/Tranvestite subjects were for a long time, and continue to be made invisible, and their identities are constantly associated with prostitution and pornography, as if the only way that this subjects can exist is because of the availability and objectification of their bodies, a structured idea that (re) produces a violent, excluding and lethal reality. In this sense, we highlight the importance of media hypervisibility, produced through the relations of power, knowledge and truth, and capable of creating the possibility for the deconstruction of this negative image that characterizes the existence of Trans and Transvestites, since the internet allows these subjects can narrate their experiences, work and even achieve a status of fame. The main theoretic reference of this research is Foucault (2020, 2003) due his reflections about the relations of power, speech and the impact this relations between powers, the bodies and sexuality. To better understand about gender and transsexuality, we grounded our studies in Bento (2016), Butler (2018), Lima (2013), and about the rising of the subjects through the digital media our discussion takes bases of information, Silva (2016) and Sibila (2008). This is a descriptive-interpretative study whose analysis is qualitative and for its realization two videos were selected of the #ProjetoExistimos instagram profile: ALICE- May, 29 of 2020 and CHIARA- June, 7 of 2020. The #ProjetoExistimos is an action that aims to obtain donations and / or opportunities for Trans and Transvestite subjects on the street, in São Paulo city, its material is disseminated in video form so that it can be shared for the largest number of people, they are usually short videos, with the cruel stories faced by Trans and Transvestite people, who get emotional when narrate their experiences that cross issues of gender, identity, rejection and the misery of the streets. With the analyzes we can perceive the modes of subjectification and objectification that are produced by the narratives of the Trans subjects themselves, as well as through the subtitles, leading us to problematize political, social and biological issues that concern marginalized bodies and sexualities.

Keywords: Discourse; Transsexual and transvestite; Modes of objectification and subjectification; Digital media.

INTRODUÇÃO

Figura 1 – Charge de Gilmar sobre o desrespeito da sociedade com a situação de rua.



Fonte: [Twitter.com/CarDasCavernas](https://twitter.com/CarDasCavernas)¹

A charge utilizada como epígrafe desta introdução ironiza diretamente a fala de Bia Doria, presidente do conselho do fundo social de São Paulo e mulher do governador João Doria, que, em uma entrevista,² com a *socialite* Val Marchiori no Palácio dos Bandeirantes, referiu-se à situação de rua que muitos sujeitos (sobre)vivem como atrativa. Segundo ela “Não é correto você chegar lá na rua e dar marmitta, e dar...porque a pessoa tem que se conscientizar que ela tem que sair da rua, porque a rua hoje é um...é um atrativo, a pessoa gosta de ficar na rua.” (Bia Doria, 02 jul. 2020).

Analisando a figura 1, deparamo-nos com um cenário nada atrativo, em que a personagem central apresenta um semblante esquelético e exausto, ao lado de outros sujeitos que dormem no chão, em cima de pedaços de papelão, sem cobertor, próximos de roupas e panelas sujas e de animais abandonados, em completa contradição com o cenário, o palácio dos Bandeirantes, onde ocorre a entrevista entre

¹ Disponível em <https://twitter.com/cartdascavernas/status/1279082306418982912> acesso em: 27 jul. 2020.

² Disponível em < <https://youtu.be/n2-sa9LbZqI> > Acesso em: 27 jul. 2020.

Bia Doria e Val Marchiori, repleto de esculturas, sofás e poltronas confortáveis, roupas e acessórios de luxo e até espumante.

Pela relação construída entre a charge e o cenário da entrevista, é possível perceber quais corpos ocupam estes ou aqueles espaços, logo, o discurso de Bia Doria funciona a partir de uma lógica neo-liberal, em que o sucesso é entendido como uma atitude individual, uma guinada, e não uma questão de oportunidades e possibilidades políticas, uma vez que, essas pessoas em situação de rua não precisam se “conscientizar” sobre a vida que estão vivendo, elas precisam de toda e qualquer tipo de ajuda, e a fala da primeira dama de São Paulo faz exatamente o oposto, principalmente pela posição política que ela ocupa.

Pensar na situação de rua, portanto, exige uma reflexão sobre “de quem são os corpos marginalizados e abandonados nos grandes centros urbanos?” e “por que esses sujeitos se encontram nessa situação?”, partindo da metáfora de que todos “estamos no mesmo mar”, mas nem todos têm barcos e alguns fazem de tudo para sobreviver agarrados em pequenas jangadas. Desse modo, entendendo que a realidade não é igual para todos, nossa pesquisa tem um olhar direcionado exclusivamente para os sujeitos Transsexuais e Travestis em situação de rua.

Figura 2 – Notícia sobre vítima de transfobia que ajuda sujeitos em situação de rua.

GERAL

Trans expulsa de shopping em Maceió alimenta moradores de rua com projeto

Lanna Hellen usou caso de constrangimento a fim de chamar atenção
para os necessitados [COMENTE](#)

Por Marcela dos Anjos | Portal Gazetaweb.com 09/09/2020 11h36

Fonte: *GazetaWeb*³

³ Link de acesso: < https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2020/09/trans-expulsa-de-shopping-em-maceio-alimenta-moradores-de-rua-com-projeto_114395.php >.

Logo no início do ano de 2020, vimos a triste e já comum notícia sobre mais uma mulher Trans sendo expulsa de um local público, como se sua existência, naquele lugar fosse, impossível e perturbasse a ordem natural das coisas. O caso ocorreu em Maceió, e a vítima, Lanna Hellen, foi impossibilitada de usar o banheiro feminino após denúncia de outra mulher que se sentiu “desconfortável” com a presença de Lanna. De acordo com a vítima, que protestou subindo em uma mesa na praça de alimentação do shopping, ela não conseguiu usar a instalação do prédio e o segurança que a retirou do local se referia a ela como “macho”. A indignação da mulher ganhou formato de vídeo e rapidamente viralizou na *internet*, gerando manifestações no local da agressão, para discutir pautas dos direitos humanos e transfobia. Depois de toda visibilidade advinda do caso, Lanna Hellen conseguiu aliados para manutenção e continuação do seu projeto “Lanna Hellen unidos pela fé” que atualmente entrega cerca de 240 marmitas pelas ruas de Maceió para homens e mulheres com condições de vida precária.

Assim, podemos destacar com o recorte desta notícia, a importância da visibilidade, infelizmente nesse caso ocorrida depois de um episódio transfóbico e constrangedor, mas que é convertido da melhor maneira pelo desejo de ajudar o outro, tanto por parte da vítima Lanna Hellen como dos espectadores, que acabam se solidarizando com a atitude da mulher Trans em ajudar essa parcela marginalizada da sociedade que são os moradores de rua. Há também no episódio descrito, um momento em que o segurança se refere a Lanna como “macho”, manifestação de um discurso transfóbico que deslegitima a identidade do sujeito.

Ainda utilizando o caso de Lanna Hellen, trazemos foco para o conceito da visibilidade, pois acreditamos ser impossível discutir sobre corpos que irrompem do anonimato para as telas digitais sem fazer uso do termo. Quando a “videografia de si” da mulher Trans expulsa do banheiro ganha espaço nos canais digitais e começa a envolver os espectadores em sua produção, temos uma nova relação que se estabelece entre a vítima e a plateia. No caso de Lanna, essa “videografia de si” firma a existência do corpo Trans, um corpo que resiste contra uma realidade que o nega, e que emerge para acabar a ideia de estranhamento e desconforto, assim, os espectadores que participam dessa produção, acabam identificando-se e comovendo-se com a narrativa, ou estão ali por pura curiosidade, mas através desse processo de inclusão do sujeito que escuta, que lê, que recebe a informação, as “videografias de

si” assumem uma nova dimensão, elas passam a ser compreendidas como *narrativas de nós* (LIMA; MARTINS, 2016).

Por isso, é a partir de Foucault e do que se entende como sua *arqueologia do saber e genealogia do poder* que buscamos problematizar e entender essas relações existentes entre poder-saber e poder-corpo por meio dos discursos sobre os sujeitos em situação de rua, especialmente Trans e travestis. Nossa análise foi realizada com base nas videografias de dois sujeitos Trans/Travestis em situação de rua (ALICE – 29 DE MAIO 2020 E CHIARA – 07 DE JUNHO 2020) disponíveis na página do #ProjetoExistimos, no *Instagram*, coletados por meio das técnicas de *frame* e transcrição por meio de Séries Enunciativas (SE).

O #ProjetoExistimos é uma iniciativa criada para dar visibilidade a sujeitos Trans e Travestis em situação de rua da cidade de São Paulo. A partir do que entendemos como “videografias de si” (COSTA, 2009), esses sujeitos narram suas experiências de resistência, dor e invisibilidade. O perfil do projeto no *Instagram*, que faz publicações desde maio de 2020, ultrapassa a marca de 99 mil seguidores, e tem como propósito atingir o maior número de pessoas e arrecadar doações por meio de “vaquinhas *online*”, em que, todo dinheiro doado é convertido em vestimentas, comida ou acessórios para esses sujeitos Trans e Travestis em situação de vulnerabilidade.

Desse modo, entendemos que na mesma proporção que o poder produz a repressão, ele também produz a resistência e essa resistência encontra palco através das redes sociais, por isso trazemos elas como nosso universo de estudo, principalmente o *Instagram*, com enfoque nas narrativas dos sujeitos Trans e Travestis em situação de rua. De acordo com Lima e Martins (2016, p. 2) o contexto da sociedade ao qual estamos inseridos tem incorporado meios tecnológicos para a “subjativação do eu”, disso, irrompem dois desdobramentos: “Um primeiro desdobramento está na visibilidade dada à vida de pessoas comuns”, antes esquecidas, silenciadas e apagadas, caso dos sujeitos Trans e Travestis, mas que agora assumem possibilidades de ascensão do anonimato, e com esse movimento, também representam narrativas de outros. No segundo desdobramento

A vida da pessoa comum torna-se mais crível dentro de cenários que remetam à intimidade, como elementos indexadores da vida real que é ali uma apresentação ou, no termo apontado por Sibília (2008), uma “ancoragem no real”. Nas videografias de si, cabe a incorporação do improviso – esse não só como um elemento cenográfico, mas como

um elemento discursivo, na construção da narrativa. (SIBILÍA, 2008 *apud* LIMA; MARTINS, 2016, p.3).

Ou seja, a repercussão do “real” tem ganhado visibilidade muito mais fácil, pois as pessoas buscam por narrativas que ancorem sua existência, narrativas que integrem o receptor, que para além de mero ouvinte, esse agora tem as ferramentas e meios para ser um sujeito ativo na construção discursiva de outra pessoa, pois nessa fala de outrem se manifesta seu próprio eu. Essa relação entre quem fala e quem escuta é importante pois é desse contato íntimo que irrompem as possibilidades de resistência, existência e visibilidade.

Para contextualizarmos, é importante mencionar que o Brasil é o país que lidera o *ranking* mundial de assassinatos de Transexuais e Travestis, e ao mesmo tempo, esse país assume o topo do *ranking* de consumo de pornografia encenada por sujeitos Trans e Travestis⁴, marcando uma grande contradição entre o prazer e as normas morais da sexualidade. Os sujeitos Trans e Travestis não costumam ocupar lugares de destaque, só quando falamos de índices de violência, esses sujeitos são invisibilizados e excluídos, por isso, as plataformas digitais, e a hipervisibilidade advinda delas, tornam-se de grande importância para o grito de resistência desses sujeitos, é preciso deixar Trans e Travestis falarem para um público que precisa desconstruir a invenção da Transexualidade e possui condições de ajudar.

Além das contribuições de Foucault, que é base nos estudos sobre discurso e sexualidades, Bento (2006), Butler (2018), Silva (2016), Lima; Martins (2016), Lima Neto (2020), são outros nomes de relevância para desenvolver a problematização proposta desta pesquisa sobre os modos de subjetivação e objetivação dos corpos Trans e Travestis em situação de rua. Nossa pesquisa, descritiva-interpretativa com análise qualitativa, divide-se em quatro sessões, na primeira são descritas algumas teorias foucaultianas sobre as relações imbricadas entre poder, corpo e sexo, na segunda fazemos uma historização da transexualidade, na terceira, discutimos algumas engrenagens que fazem existir o dispositivo da transexualidade e por fim apresentamos a nossa análise com base nas narrativas de duas mulheres Trans (Alice e Chiara) disponíveis no perfil do #ProjetoExistimos no *Instagram*.

⁴ Revista Híbrida. Disponível em < <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/> > Acesso em: 28 jul. 2020

1. FOUCAULT E OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE

Neste tópico, abordamos os principais estudos foucaultianos sobre discurso, poder e dispositivos de poder que produzem as sexualidades, principalmente as marginalizadas. Esses estudos serão esquematizados de forma a contemplar as mais importantes contribuições para análise da subjetivação e da objetivação de sujeitos Trans/Travestis em situação de rua, bem como de seus corpos entendidos dentro de uma estrutura de controle e docilização.

O conceito de discurso em Foucault é transpassado pelas relações que o “ser-saber” apresenta, por meio dele é possível tomar posição diante determinado objeto e esse domínio do saber sobre o objeto definem as possibilidades de uso e de controle oferecidas pelos discursos.

Foucault nos oferece um saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. E é nesse sentido que para o filósofo o conhecimento e a verdade são questões históricas, são produções sistemáticas que manifestam também por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda sua positividade. (AZEVEDO, 2013, p. 149)

Partindo dessa noção, compreendemos a fragilidade que as verdades e os conhecimentos possuem, uma vez que eles podem facilmente ser organizados de acordo com o interesse específico dos poderes. Ora, por décadas acreditou-se que a terra era o centro do universo, matemáticos e astrólogos criavam e comprovavam teorias sobre o geocentrismo e quando outros estudiosos se opuseram a essa verdade, afirmando que a terra orbitava ao redor do sol, a igreja perseguiu os opositores dando apenas duas possibilidades de sobrevivência: aceitar a verdade sobre o geocentrismo ou queimar na fogueira da inquisição.

Por isso, a partir dos estudos arqueológicos de Foucault pode-se definir o discurso enquanto conjunto de enunciados que ganham coexistência dentro da mesma formação discursiva, e por sua vez,

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que

os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, 1969, p. 135)

Dessa maneira, estamos falando de questões históricas quando falamos em discurso. Toda verdade e saber são produzidos em um determinado momento, resgatando afirmações já ditas, no entanto, também entendemos que as situações e os sujeitos discursivos nunca são iguais, mesmo que utilizem a mesma Formação Discursiva.

Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que o garantem “dizer alguma coisa” e se relacionar com outros objetos; o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. (AZEVEDO, 2013, p. 154)

Assim, interpretamos que alguns discursos são incentivados enquanto outros são silenciados, tudo pode ser dito, mas quem pode dizer, quando se pode dizer e o que se pode dizer são condições intrínsecas às Formações Discursivas e a história, exatamente pelo discurso ser produto de um campo finito de regras que permite sua construção e produção, além de estar “impregnado de poder, e, portanto, estabelece a relação de opressão, já que está é produto da outra.” (AZEVEDO, 2013, p. 159).

De acordo com Foucault (2020, p. 101) “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”, sendo assim, precisamos, mesmo que de forma breve, esmiuçar essa *problemática do poder* e a compreensão que Michel Foucault desenvolveu sobre ela. Na analítica do poder, elaborada ao longo dos anos de 1970, os estudos de Foucault “davam o tom de um trabalho mais preocupado em sacudir as evidências e perturbar as nossas familiaridades do que em estruturar uma obra sistematicamente integrada.” (MAIA, 1995, p. 84), exatamente pela complexidade que seria conceituar uma força onipresente.

Essa compreensão foucaultiana a respeito do poder, que difere de outras perspectivas como o marxismo e as teorias contratualistas, coloca em destaque alguns traços a serem discutidos: o primeiro é a hipótese da repressão, usada pelos historiadores aos quais Foucault se contrapõe, como afirmava o filósofo “já repeti cem vezes que a história dos últimos séculos nas sociedades ocidentais não mostrava a

atuação de um poder essencialmente repressivo.” (FOUCAULT, 2020, p.89), Ou seja, não é possível gerir e inserir o sexo em um sistema de utilidade se nada se sabe dele, por isso, ao contrário de uma ordem de repressão, estamos diante de uma incitação a confissão, que se tornou, segundo Foucault (2020, p. 39) “próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo.”

Ainda sobre a hipótese da repressão, outro argumento utilizado por Foucault (2020) é que o poder não é uma força que sempre diz não, assim fosse, esse poder não encontraria onipresença nas relações humanas. Falar em poder é compreender que situações estratégicas são utilizadas para produzir um sujeito específico e os saberes que o compõe. Assim, através do poder seria possível construir, manipular ou até mesmo excluir uma realidade, uma vez que

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui nem eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer. (FOUCAULT, 2020, p.8)

E essa, por exemplo, é a realidade dos sujeitos Trans/Travestis em nossa sociedade, que sofrem a pressão do que Foucault (2020, p.9) veio a definir como o **puritanismo moderno**, conceito transpassado pelo “tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo”. Tal puritanismo marginaliza as sexualidades que fogem do modelo burguês e as classificam como ilegítimas, tornando-as alvo de

condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. (FOUCAULT, 2020, p.8)

Por essa lógica puritana, as sexualidades são reduzidas, delas coisa nenhuma poderia se aproveitar e por isso são deixadas de lado, “onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos de lucro.” (FOUCAULT, 2020, p.9). Porém, apesar de muito efetivo, esse puritanismo que interdita e censura encontra um obstáculo característico do poder: a resistência.

A capacidade de recalcitrar, de se insurgir, de se rebelar e resistir são elementos constitutivos da própria definição de poder. Desta forma, 'digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência.' (MAIA, 1995, p. 90)

Assim, mesmo produzidos dentro de uma realidade excludente, os sujeitos encontram formas de resistir e colocar-se em um posicionamento de existência, recorrendo a diferentes meios de visibilidade para denunciar sua exclusão diante uma sociedade que pouco ou nada questiona sobre seus privilégios em relação aos menos desafortunados.

Outro traço da problemática do poder diz respeito ao que Foucault (2020) disse sobre não existir uma hierarquia que estrutura o poder, mas uma teia que atravessa todas as pessoas, de maneira que a oposição entre dominadores e dominados só existe em um plano simbólico e as relações de poder, realizadas de forma intencional e objetiva, são construídas no interior das relações humanas, não por um único sujeito, mas por uma população. O que nos leva a questionar sobre quais meios esses sujeitos, enquanto uma população (no nosso caso as transexualidades), usam para resistir e existir em um contexto político moralista.

Após essa descrição acerca da analítica do poder de Foucault, chegamos à hipervisibilidade das mídias digitais que têm sido um dos principais veículos para o fim do anonimato de pessoas Trans/Travestis, pois de fato

o fazer-se ver é um imperativo contemporâneo no sentido de que, através do advento das redes sociais, irromperam incontáveis possibilidades de mostrar-se através da conectividade global via *internet*. (LIMA NETO, 2020, p. 73-74)

Podemos entender, desse modo, que as redes sociais são diferentes plataformas de comunicação e luta. Por meio dessa ocupação pública, mesmo que virtual, os sujeitos "estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político." (BUTLER, 2018, p. 13). Ao assumir esse espaço para aparecer e situar seus corpos em uma determinada situação discursiva, os sujeitos colocam-se diante de uma imensa plateia que aguarda atentamente por suas confissões, uma plateia que precisa ser convencida pela precariedade, humilhação e invisibilidade que esses sujeitos vivem no próprio corpo.

A confissão, dispositivo usado pela pastoral cristã para extrair a verdade sobre o sexo, é também a principal forma que os sujeitos encontram para subjetivar suas existências, partido dessa incitação a se falar do sexo, podemos concluir que a confissão funcionaria como uma técnica que o poder encontra para se apossar da materialidade discursiva sobre o próprio sexo e assim estabelecer relações de controle sobre ele. Esta necessidade de se falar do sexo tem uma repercussão antiga, com registros desde o século XVIII.

[...] não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Desenfurnam-no e obrigam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou. (FOUCAULT, 2020, p. 36-37)

Através desse *erotismo discursivo generalizado*, que tanto sente a necessidade de ouvir e registrar, é possível operar verdades e invenções sobre uma determinada população, como ocorre com as sexualidades da época vitoriana analisadas por Foucault em *A vontade do saber*. Essas sexualidades começam a ser inventadas por saberes que as reduzem aos interesses de uma determinada época, geralmente com base em princípios políticos, morais e éticos cristãos. Por conseguinte, os dispositivos de controle são ativados e a unidade desses dispositivos pode ser entendida como um mecanismo de (re)produção dos corpos, uma vez que,

Funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições cotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder. Essa forma é o direito, com o jogo entre lícito e o ilícito, a transgressão e o castigo. (FOUCAULT, 2020, p. 93).

Disso, compreende-se que os dispositivos operam por meio de engrenagens de lei, interdição e censura, que não passam de maquinarias jurídicas-discursivas com

efeito principal atingir a obediência e a disciplina dos sujeitos. A submissão é ponto de chegada do poder legislador, através dos dispositivos, da sexualidade e da confissão por exemplo, ele produz e delibera uma realidade, que distingue súdito ante monarca, cidadão ante estado, criança ante pai, e, portanto, disciplina ante poder.

Além desse poder disciplinar que conduz os sujeitos a uma certa docilização, Foucault começa a discutir em seu livro *a vontade do saber* (1996) uma outra manifestação do poder sobre os corpos, essa no entanto, lida com o “direito de morte e poder sobre a vida” Foucault (2020, p. 145) estudado sob o signo de *biopoder* e das *biopolíticas*.

Podemos entender o biopoder como uma atualização do poder soberano e disciplinar (LIMA, 2013), antes apoiado apenas nos aspectos jurídicos, agora é transpassado por questões biológicas compreendendo o sujeito como integrante de uma população.

O homem moderno é um animal em cuja política sua vida de ser vivo está em questão. [...] tecnologias políticas que, a partir de então, vão investir sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida e todo o espaço da existência. [...] Um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá a necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. (FOUCAULT, 2020, p. 155)

Podemos concluir que esses poderes (o Soberano, o Disciplinar e o biopoder) integram-se para formar dispositivos capazes de controlar tudo, inclusive a vida e a morte. Todas essas manifestações das relações de poder já apresentadas têm interesse em regular as populações, são discursos sutis que se propagam com pouca problematização, não são ocultos como quer se fazer acreditar, não estão nas entrelinhas, estão em *outdoors*, em revistas, na televisão, nas redes sociais e em todos os lugares, produzindo a realidade que vivemos.

2. A INVENÇÃO E A RESISTÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE

Nossa intenção com este tópico é situar, de forma breve, um pouco da emergência da Transexualidade enquanto invenção dos/nos saberes médicos e psi (referentes à psicologia, psicanálise e psiquiatria), por isso, começaremos falando das Transexualidades entendidas nas e pelas biopolíticas contemporâneas em uma

discussão plural porque sua compreensão depende da noção que diferentes experiências emergem no campo da mesma sexualidade.

Tomando a ideia de que a transexualidade só pode ser entendida em sua multiplicidade, opta-se por pluralizar o termo, referindo-se às transexualidades. Tal artefato assinala o caráter plural, heterogêneo, multifacetado de viver uma experiência que em primeiro plano caracteriza-se por uma incongruência entre o designado corpo biológico e a performatividade de gêneros e que em seus desdobramentos revela possibilidades marcadas por assujeitamentos, mas também por resistências, reinvenções, desestabilizações da matriz de inteligibilidade dos gêneros que estabelece compulsoriamente o contínuo corpo - gênero - sexualidade - desejo. (LIMA, 2013, s.p.)

Por isso, quando as verdades dos discursos médicos e psiquiátricos constituem seus saberes em torno da transexualidade, eles retomam o que Foucault (2020) já analisava como configuração dos sujeitos enquanto população, de maneira, que era pertinente julgar todos pelo mesmo prisma, apenas por compartilharem um aspecto específico: o fato de serem Transexuais/Travestis.

O “fenômeno transexual” tem nascimento datado pela década de 1950 com os estudos de Harry Benjamin, que tinha como intuito muito específico separar a Transexualidade da Homossexualidade, anteriormente, todas compreendidas como de mesma natureza e todas dentro do quadro clínico dos transtornos mentais. O “verdadeiro transexual” que se dissemina com os estudos de Benjamin é marcado pela abjeção que sente, ao longo do tempo, em relação à genitália. Essa produção do sujeito “Trans verdadeiro” começa, portanto, a construir uma norma sobre o que é ser Transexual.

Encontramos no DSM-IV uma radical defesa do dimorfismo. As performances de gênero, a sexualidade e a subjetividade são níveis constitutivos da identidade do sujeito que se apresentam colados uns aos outros. O masculino e o feminino só se encontram por intermédio da complementaridade da heterossexualidade. Quando há qualquer nível de descolamento, deve haver uma intervenção especializada, principalmente de algum especialista nas ciências psi, para restabelecer a ordem e a “coerência” entre corpo, gênero e sexualidade. É esse mapa que fornecerá as bases fundamentais para a construção do diagnóstico de gênero. (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 571):

Esta configuração das Transexualidades como dimorfismo é muito próximo do que John Money em 1973 já abordava por “disforia de gênero”, termo que repercute no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV e V (LIMA,2013) e que cada vez mais opera um mecanismo de controle sobre a verdade Trans, reduzindo as existências Transexuais em algo passível de modificações e intervenções medicalizantes.

Tomar as experiências trans pela ideia de patologia reduz e captura as singularidades e possibilidades de modos de existência destes sujeitos. Constituiu parte da compreensão do dispositivo fazer “ouvir” e dar eco às vozes consideradas “subalternas” que protagonizam a história da transexualidade enquanto um dos fenômenos mais singulares no âmbito das transformações de gênero na contemporaneidade, desvelando a “necessidade” de trazer para o debate o que se encontra além dos discursos e práticas circunscritas nos espaços médicos (os hospitais e serviços), ou seja, o cotidiano, as experiências, as diferentes vivências da transexualidade, principalmente, “as falas” e “os saberes” das (os) transexuais sobre si mesmos bem como suas experiências e relações com os outros. (LIMA, 2013, s./p.)

Logo, repercute-se essa necessidade de que os sujeitos Trans tenham acesso as visibilidades e dizibilidades, para que as verdades plurais destes sujeitos possam emergir e serem entendidas longe dos saberes patologizantes e medicalizantes, mesmo que muitos desses saberes permaneçam fazendo parte da construção subjetiva dos sujeitos Transexuais e Travestis.

Após entender um pequeno segmento das teorias de Foucault sobre saber, poder e corpos abjetos e um pouco dos primeiros saberes que patologizam as Transexualidades, deleitamo-nos em uma discussão específica sobre questões de gênero e sexualidade, afim de delimitar os espaços de existência que são, de pouco bom grado, definidos às mulheres Trans e Travestis nas sociedades modernas, como também abordar o dispositivo da Transexualidade enquanto conjunto de normas e engrenagens morais, sociais e políticas que agem na produção da subjetivação e da objetivação dos corpos Trans/Travestis.

Parafrazeando Bento (2017), podemos compreender os corpos Trans/Travestis enquanto território de ocupação e colonização, visto que, do mesmo princípio histórico de que o Brasil sofreu a invasão colonialista em 1500, os sujeitos Trans/Travestis também têm seus domínios ameaçados por um Estado, heteronormativo e cristão,

que encontra no campo do biopoder e das biopolíticas “o direito de causar a morte ou de deixar viver” (FOUCAULT, 2020, p.146), assim, estamos falando de um corpo em constante disputa territorial e política, montado e desmontado através dos dispositivos de dominação.

O Estado, entre nós, é um ator central. Enquanto o neoliberalismo norte-americano tira qualquer responsabilidade do Estado com a saúde geral do cidadão, no Brasil, como um bom resquício do estado de bem estar social que nunca existiu entre nós, é o Estado que tem a obrigação legal com a saúde. (BENTO, 2017, p. 41)

Desse modo, o Estado com a responsabilidade de promover a saúde pública para sujeitos Transgêneros torna-se problemático, tal qual para essa esfera de poder seria impossível entender os sujeitos de maneira subjetiva e, portanto, prefere-se uma definição total da população (FOUCAULT, 2020), como se todos os sujeitos precisassem do mesmo suporte e que vivessem no mesmo contexto.

Essa problemática tem seu fracasso muito bem explicitado no artigo de Rocon *et al* (2016), através da leitura dessa pesquisa, é possível perceber, que por mais que os mecanismos de leis ofertem as oportunidades para pessoas Trans/Travestis utilizarem os nomes sociais, fazerem a cirurgia de transgenitalização e usarem hormônios, esse acesso se dá de maneira fragmentada e extremamente patologizante.

Hércules questiona a autoridade médica, pelo diagnóstico, sobre os corpos trans, denunciando a perda de autonomia que sofrem ao não serem considerados como sujeitos de seus processos de mudanças corporais, mas tratados como corpos abjetos sujeitados à intervenção de um poder/saber. O narrador denuncia a operação do dispositivo da transexualidade que desautoriza as pessoas trans de decidirem sobre as intervenções em seus corpos, como o fazem as pessoas cisgêneras. (ROCON *et al*, 2016, p. 2523)

Quando Hércules, pseudônimo usado para se referir a um homem Trans entrevistado na pesquisa⁵ tem sua fala analisada, chegamos à conclusão importante dos autores: Primeiro, ao definir os sujeitos Transgêneros enquanto população, uma das consequências é a perda das autonomias subjetivas nas decisões sobre o próprio

⁵ (ROCON *et al*, 2016)

corpo, além de serem expostos a uma prolixa burocracia médico-jurídica que insiste em patologizar seus corpos por meio das intervenções do poder/saber.

Outra questão, proveniente da conclusão em torno da fala do pseudo sujeito Hércules, é o distanciamento que se estabelece entre Trans e Cis no que diz respeito a mudanças corporais. Pois, sujeitos Cisgêneros também recorrem a processos cirúrgicos e sociais de modificações nos seus corpos o tempo todo, no entanto, os obstáculos enfrentados por eles estão longe de assemelhar-se aos saberes patologizantes que permeiam a existência Trans/Travesti (ROCON *et al*, 2016).

Toda essa discussão sobre a patologização das Transexualidades diz respeito a um aspecto essencial para o desenvolvimento desta pesquisa:

As transexualidades foram inventadas. Dizer que foram inventadas é diferente de dizer que não existiam. Dizer que foram inventadas é perceber como, quando e de quais maneiras esta forma de subjetividade passa a constituir um elemento importante tanto do ponto de vista discursivo quanto das práticas sociais, ganhando sentidos em determinados regimes de verdade. (LIMA, 2013, s./p.)

E sendo inventadas, as transexualidades são apreendidas e produzidas por meios de saberes clínicos que localizam (HARAYA, 2000) essas sexualidades e corpos através de documentos hegemônicos, como por exemplo o DSM – V (Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais) que define a Transexualidade como um todo e enquanto uma disforia de gênero (LIMA, 2013), (re)produzindo a medicalização do importuno (LANTERI-LAURA, 1994 *apud* LIMA, 2013).

Pensar e discutir as transexualidades na biopolítica contemporânea traz a necessidade de refletir sob e sobre territórios – de práticas e subjetivos - plurais e em constantes transformações. As formas como os modos de vida transexuais vêm se desenhando seja nas construções acadêmicas, na mídia, nas redes sociais, enfim nos diferentes cenários revela a todo instante novas/outras formas de visibilidades (formas de ser e estar no mundo) e dizibilidades (formas de dizer) (LIMA, 2013, s./p.)

Logo, voltar a falar de território para pensar e discutir as Transexualidades é refletir sobre a ocupação desses corpos. É importante que fique claro, a ocupação que tanto se falou até agora não diz respeito unicamente ao corpo enquanto propriedade particular-subjetiva dos sujeitos ou pública-subjetiva nos saberes dos dispositivos da

transexualidade, mas também da ocupação nos espaços sociais, sexuais e políticos, que de fato retoma o corpo como disputa.

Conseqüentemente, a formulação do puritanismo moderno (FOUCAULT, 2020) apoiado na interdição, inexistência e mutismo evidencia a vontade que os mecanismos de poder têm de apagar a existência dos sujeitos Trans, e isso de fato foi muito efetivo, pois as visibilidades, dizibilidades e ocupações de espaços públicos por pessoas Trans e Travestis por muito tempo foram quase nulas, no entanto, as representatividades Trans começam a emergir e isso vem “afirmar que um grupo de pessoas continua existindo, ocupando espaço e vivendo obstinadamente já é uma ação expressiva, um evento politicamente significativo”. (BUTLER, 2018, p. 17)

Essa emergência tem se dado principalmente pelo advento das hipervisibilidades midiáticas que acompanham a realidade contemporânea e que aproximam as relações entre emissores e receptores, dado que, com as disseminações das videografias de si é possível participar de um espaço público, antes completamente dominado pela cisgeneridade.

[nas videografias de si] são descritas e narradas experiências do cotidiano, impressões e análises de si, geralmente ancoradas em situações corriqueiras do dia a dia. Elas são produtos de indivíduos para os quais o registro e a exibição de si em vídeo se tornam (*sic*) tanto um modo de representação como uma expressão da subjetividade. Nas videografias, essa dupla função se articula com um viés confessional para constituir sua especificidade (COSTA, 2009, p. 206).

Nessa narração de si, compreendemos o receptor como elo imprescindível para sua produção, uma vez que não pode existir uma confissão no vazio que seja eficiente às relações de poder, não de acordo com Foucault (2020), da mesma maneira, que o padre escuta atentamente as confissões para fazer o seu julgamento, de natureza igual os receptores esperam para compartilhar, curtir e comentar a apreciação do corpo-outro que se subjetiva e o representa na *internet*.

Um recorte interessante para fundamentar essa proposição é a escolha da revista *Times* para a capa de “personalidade do ano” em 2006 (SIBILIA, 2008). A pessoa escolhida para aparecer depois de alguns nomes como Hitler, em 1938, e George W. Bush, em 2004, foi o próprio leitor, ou seja, qualquer um que lesse aquela edição da revista estaria diante de uma capa que refletia sua própria imagem por meio

de um espelho. E tal atitude gerou grande repercussão, pois “em virtude desse estouro de criatividade (e de presença midiática) entre aqueles que costumavam ser meros leitores e espectadores passivos, teria chegado ‘a hora dos amadores’” (SIBILIA, 2008, p. 9).

Analisando esse recorte é possível entender, portanto, que o sujeito que escuta sente-se representado por quem fala, quando ele mesmo não pode falar, essa é a importância da representatividade. Quando Sibilía (2008) diz ser a hora dos amadores, nós somos mais radicais em dizer que é a hora dos inventados, dos marginalizados, da resistência, é a hora de quem tem a voz silenciada e interrompida, e continua tendo, como canta a cantora Trans Urias (2019) “minha voz está cansada de gritar”.

3. AS NARRATIVAS DOS CORPOS INVENTADOS

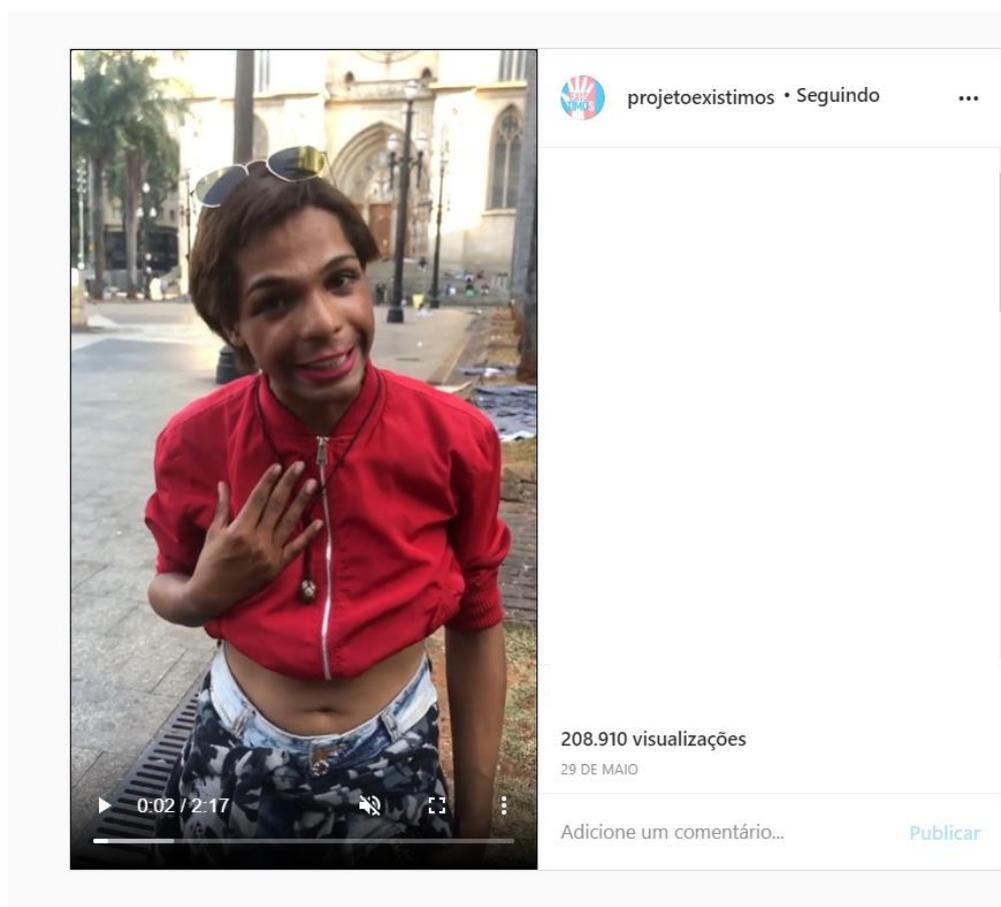
Neste tópico, apresentaremos e analisamos dois vídeos selecionados na página do #ProjetoExistimos no *Instagram*, todos do mesmo ano (2020). Ambos os vídeos seguem uma estrutura semelhante ao exibir mulheres Trans/Travestis narrando suas histórias, compreendidas como “videografias de si” (COSTA, 2009), e que de modo geral fazem emergir as condições de precariedade imposta aos sujeitos marginalizados em situação de rua. Gostaríamos de destacar que todas as narrativas aqui abordadas se dão de maneira muito espontânea, uma vez que o #ProjetoExistimos, responsável pelo registro dos vídeos, não segue uma estruturação fixa de perguntas e respostas.

As narrativas de ALICE (29 de maio) e CHIARA (07 de junho), sujeitos Trans/Travestis que aparecem nos vídeos selecionados, são os recortes, através das técnicas de *frame* e transcrição da narrativa em forma de Série Enunciativa (SE), que utilizamos para analisar como as subjetividades são (re)produzidas através das “videografias de si” e como as legendas dos vídeos também contribuem para a construção do que vem sendo discutido ao longo desta pesquisa sobre saber, poder, gênero e sexualidade.

3.1 ALICE⁶

Começaremos nossa análise com a narrativa da Trans/Travesti Alice, de 22 anos, moradora da praça da Sé, em São Paulo, que teve sua narrativa publicada no perfil do #ProjetoExistimos no *Instagram* no dia 29 de maio de 2020. A videografia de Alice, coletada no dia 31 de outubro de 2020, tinha mais de duzentas mil visualizações e uma duração de dois minutos e dezessete segundos de vídeo.

Frame 1 – ALICE apresenta-se ao público.



Fonte: #ProjetoExistimos – *Instagram*, 2020.

Ao fundo do vídeo, gravado pelo celular em formato retrato, podemos ver um edifício antigo, provavelmente uma igreja, que em seus degraus revela a presença de outros sujeitos em situação de rua. Essa construção cinematográfica caseira, presente nos dois vídeos como veremos, retoma um dos desdobramentos que abordamos

⁶ Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CAyyhRsnz5b/?utm_source=ig_web_copy_link >
Acesso: 31 de out. 2020

sobre a emergência das “videografias de si” em aproximar o receptor do real e do amador (SIBILIA, 2008). Em consonância, outro aspecto que também pode ser entendido como parte deste desdobramento que aproxima os polos emissor e receptor, através do imprevisto é a primeira palavra dita por Alice: “pode?”. Essa improvisação faz irromper um lampejo de luz necessário sobre um corpo amador, um corpo Trans/Travesti que não encontra outras formas de acender a visibilidade sobre si se não através desta câmera caseira que a conecta com as Formações Discursivas humanitárias e do utilitarismo que apreendem as sexualidades.

A sexualidade se apresenta, portanto, em termos discursivos, ou seja, ela é constituída por uma rede de elementos e um conjunto de funções que determinam e condicionam os indivíduos em um dado momento histórico, a partir de um jogo de interesses e estratégias. (Garcia, 2017, p. 3 – 4)

Logo, a função que os corpos manifestam seria a máquina motora para operar o dispositivo da transexualidade e os discursos que podem ser ditos ou não em determinado momento histórico, se hoje esses corpos amadores tem o seu momento diante das câmeras, mesmo que uma caseira, é graças a pequenas atualizações na história das Transexualidades que vêm produzindo verdades diferentes das que encontramos, por exemplo, nos saberes patológicos de Harry Benjamin, John Money e Robert Stoller.

Em suma, utilizaremos este primeiro *frame* para apresentar Alice, uma mulher Trans/Travesti jovem, preta e vaidosa, que não deixou a situação de rua apagar seu desejo de se sentir bela, uma regularidade sobre os corpos Trans/Travestis. Utilizando batom vermelho para realçar sua boca, uma sombra azul para os olhos e *blush* nas bochechas, além de outros adereços como óculos e colar, o sujeito fala um pouco sobre como é morar na rua e ter sido expulsa de casa por ser da forma que é, uma forma que destoa da expectativa e da fantasia criada pelos pais e pela sociedade (BUTLER, 2018).

SE01:

[Pode?] Olá, boa tarde. Eu sou Alice, sou moradora aqui da praça da Sé há 6 meses. Eu moro com os homossexuais, com asmulheres, assim...é...eu estou em situação de rua faz mais ou menos 6 meses desde quando eu saí da casa dos meus pais, que isso faz 2 anos, né? Porque eu casei, e meus pais depois que eu me assumi como homossexual não quiseram mais deixar eu ficar em casa, pelo fato de ser dessa forma. (ALICE, 2020, s.p.)

É interessante que o fundo da narrativa seja uma igreja, já que, Alice fala muito de sua família cristã e como ter sido expulsa de casa, constituindo essa expulsão da casa dos pais como uma regularidade nos depoimentos de Trans e Travestis. Podemos compreender este episódio como consequência dos discursos religiosos que perseguem e reproduzem uma moral acerca da existência homoafetiva, podendo ser retomada novamente a ideia do puritanismo moderno proposto por Foucault (2020), que manifesta essa necessidade de empurrar para a margem tudo aquilo que, de alguma maneira, foge do binarismo do sexo e do gênero reproduzido na heterocisnormatividade, como é o caso das Transexualidades.

Notamos, que de início o sujeito se identifica como homossexual, mesmo adotando o nome ALICE, referindo-se a ela no feminino e até mesmo usando o termo “mulher” para falar dela mesma, essa escolha para referenciar a si própria provoca no enunciado um sentido de identificação que confunde quem o ouve, mas que de fato encontra apoio nos discursos médicos, que antigamente organizavam grande parte das “sexualidades inventadas” (homossexualidade, travestimentos, intersexualidades) como distúrbios psiquiátricos, e que a própria emergência de um dispositivo da transexualidade só foi possível para que houvesse a separação do que se entendia como “transexualismo” desse rol (LIMA, 2013), além de que, ser gay é menos “macabro” que ser Trans ou Travesti para a sociedade.

No caso do gênero, as inscrições e interpelações primárias vêm com as expectativas e fantasias dos outros que nos afetam, em um primeiro momento, de maneiras incontroláveis: trata-se da imposição psicossocial e da inculcação lenta das normas. Elas chegam quando mal podemos espera-las, e seguem conosco, animando e estruturando nossas próprias formas de capacidade de resposta. Essas normas não estão simplesmente impressas em nós, marcando-nos e estigmatizando-nos como tantos outros destinatários passivos de uma máquina de cultura. Elas também nos “produzem”, mas não no sentido de nos trazer à existência ou de determinar estritamente quem somos. Em vez disso, informam os modos vividos de corporificação que adquirimos com o tempo, e esses modos de corporificação podem se provar formas de contestar essas normas, até mesmo rompê-las. (BUTLER, 2018, p. 25)

Ou seja, as Transexualidades podem ser entendidas como uma contestação da norma do binarismo genérico, um plano ideal construído nas relações dos saberes médicos que produzem o jogo de verdades sobre os corpos, de maneira que, esses

saberes encontram poder nos discursos para inventar e firmar “a transexualidade” como uma disforia da identidade de gênero (LIMA, 2013). De forma esquemática, entendemos identidade de gênero como os sujeitos se identificam em relação a performances ou práticas sociais de gênero, enquanto a orientação sexual diria respeito a atração e o desejo que os sujeitos sentem levando em consideração a sua identidade de gênero (e a do outro).

SE02:

Ah minha história é bem breve, eu sou criada em família católica, eu tenho estudo, eu tenho ensino médio completo, fiz 6 meses de enfermagem, tá?, eu comecei na enfermagem. (ALICE, 2020, s.p.)

Por meio da SE02, notamos que o sujeito se descreve como estivesse fazendo uma entrevista de emprego, atribuindo valor a sua existência e construindo um currículo para provar que deveria estar ocupando outro espaço e não aquele (as ruas). De modo que, quando o sujeito constrói sua narrativa neste formato, ele busca normalização diante uma gama de discursos que afirmam o contrário, que insistem em patologizar a sua existência e alvejar seu corpo como inconcluso ou defeituoso (LIMA, 2013).

SE03:

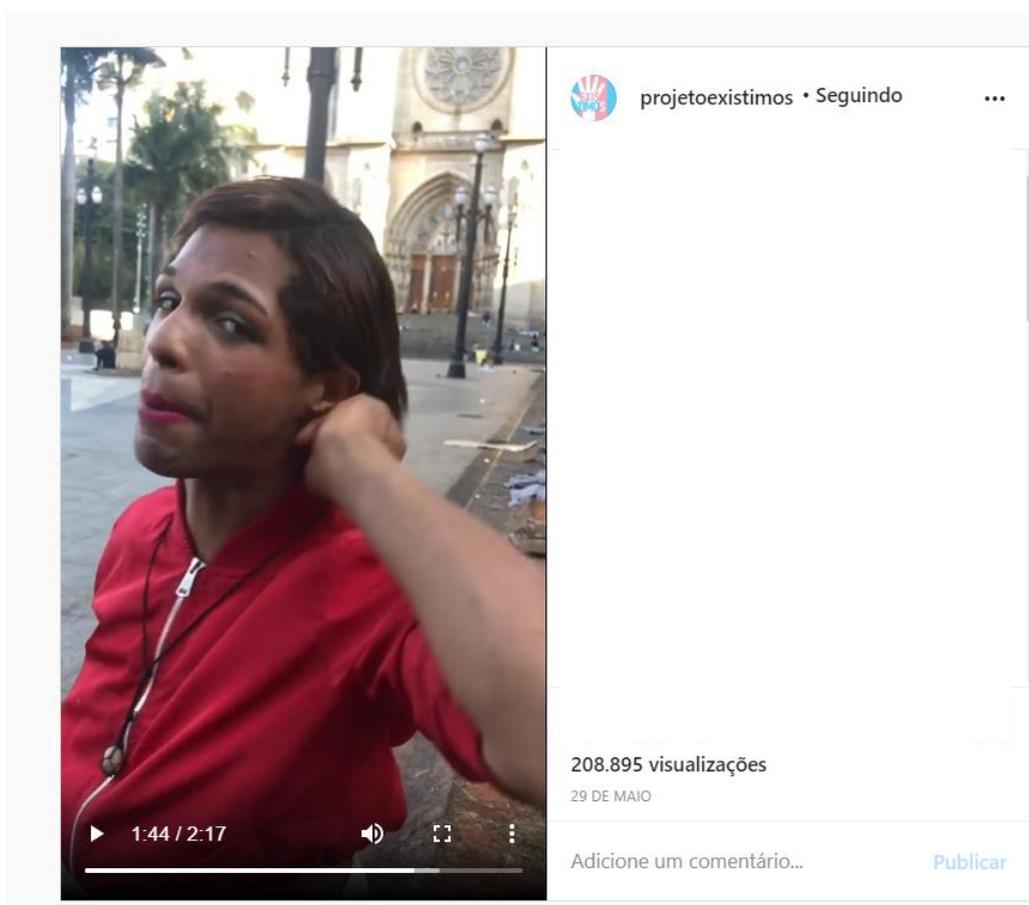
Nunca tomei hormônio, é um sonho que eu tenho, né?!, mas assim...eu quero seguir...com alguém do meu lado, agora eu tô namorando. Gostaria muito de uma ajuda de vocês pois estou dormindo em mantas, estou dormindo, com, com cobertas da rua, c entende?, e tá nevando, ne...nevoando [risos] é verdade, gente o frio de 0°, de 0° né um frio de qualquer coisa. (ALICE, 2020, s.p.)

Por não seguir uma estrutura fixa, como já mencionado, os sujeitos transpassam vários assuntos durante suas narrativas, como podemos observar na SE03, em que Alice aborda ao mesmo tempo, seu relacionamento atual, com a dificuldade ocasionada pelo frio, uma realidade diária dos sujeitos em situação de rua de SP e processos médicos sobre o corpo. Ao nosso ver, existe uma hierarquia das necessidades que assolam este sujeito, uma vez que, ele inicia falando de um sonho em tomar hormônio, mas logo em seguida, seu apelo é sobre as condições precárias da rua, revelando que o desejo de ter uma moradia digna, nessa situação, fala mais

alto que a realização dos processos estéticos para chegar ao corpo que se faz querer desejar.

Inclusive, ao que se refere a este corpo desejado, retomamos a ideia de que o corpo Transexual é inventado discursivamente como inconcluso ou inacabado, um corpo que existe de forma a ser moldado (Por quem? Para quem?). As verdades produzidas nos dispositivos da transexualidade fazem operar sobre os sujeitos Trans uma falsa necessidade que seus corpos precisam ser modificados, pois eles apresentam uma “disforia”, todavia, em grande parte dos casos essas verdades não são absolutas, e sim construída, como nos mostra Bento; Pelúcio (2012) ao discutir a relação de abjeção que os sujeitos Trans (não) tem com suas genitálias, e até pelas próprias existências não-binárias.

Frame 2 – ALICE passa a mão no cabelo.



Fonte: #ProjetoExistimos – *Instagram*, 2020.

SE04:

Eu queria uma pequena gentileza de vocês, eu sei que vocês são mulheres como eu, já viveram situação como eu, e compreende como nós somos, compreende o coração, eu só queria trançar o meu cabelo, sabe?!, porque o meu cabelo tá horrível, oh! De mulher pra mulher, isso é cabelo de menina? [barulho alto de motor] Tenho 22 anos, 22 anos, eu só quero trançar o meu cabelo, quero...sabe? ficar bonita mesmo, e eu preciso muito de uma barraca menina, não! Foca aqui ni mim [#ProjetoExistimos: há?] foca aqui ni mim. Eu preciso muito, porque tá fazendo muito frio em São Paulo, não tanto minha olheira, por favor, deus abençoe vocês que estão assistindo, preciso da ajuda de vocês, conto com vocês. (ALICE, 2020, s.p.)

Com a última SE deste tópico, trazemos um sujeito que se inscreve no olhar do outro. Como mulher (Trans/Travesti), o sujeito faz um apelo a outras mulheres que, segundo ela, já viveram a mesma situação que ela e compreende como “nós” somos, a partir disso, já podemos problematizar alguns pontos: De que situação específica o sujeito fala: Morar na rua? Ser LGBTQIA+? Ser incompreendida pelos pais? Querer estar bonita? Por meio da narrativa, fica difícil saber a que situação Alice espera que o receptor desta videografia se identifique, mas que de fato, provoca um sentimento íntimo pelo apelo comovente feito. Além disso, o sujeito fala em nome de outros, ao usar o pronome “nós”, sugere uma identificação feminina e como isso pode influenciar na constituição da feminidade, de maneira que esse ato de falar sobre si mesma, mas ao mesmo tempo engloba outros sujeitos repercute o que Lima e Martins (2016) falam sobre as “narrativas de nós” e o relevo que a visibilidade traz, no momento que leva a história de muitos para o foco do olhar da sociedade, hoje muito mais atenciosa na vida infame dos sujeitos (FOUCAULT, 2003).

Frame 3 – Legenda publicada junto com o vídeo de ALICE.



Para concluir a análise, evidenciamos a legenda que acompanha a publicação do vídeo de ALICE, que em suas poucas palavras, encontramos um pequeno apelo, retirado da própria fala do sujeito, mas que se torna artificial quando usado para legendar a videografia. Primeiramente, existe uma pequena apresentação, já feita em vídeo também, para definir o sujeito que fala: “Alice, 22 anos, há 6 meses em situação de rua. Vive na Sé.” (#ProjetoExistimos, 2020, s.p.), esse formato de divulgação, retoma claramente as características de um produto exposto através de um anúncio publicitário, o *post* parte para um campo de convencimento do expectador, que precisa ser convencido para ajudar os sujeitos que enunciam suas mazelas, com isso, essa construção discursiva, manifesta como os corpos abjetos são colocados em posições de vulnerabilidade. Ora, se esse sujeito pode narrar suas experiências na rua e pedir socorro através de um vídeo, em uma página do *Instagram*, é porque acredita-se na existência de uma massa virtual capaz de se mobilizar para “comprar” essas narrativas.

Vamos ajudar a Alice a trançar o cabelo dela? Meninas, vejam esse vídeo ela merece toda visibilidade do mundo para sair dessa situação e eu tenho certeza que juntos nós vamos conseguir. Não deixem esse vídeo sem visibilidade. (#ProjetoExistimos, 2020, s.p.)

De modo, Alice faz muitos apelos estéticos durante sua narrativa, seja o fato de ter o sonho de tomar hormônios e modificar seu corpo ou seja pela vontade de trançar seu cabelo, no entanto como já destacamos, ela sempre retoma as necessidades de melhorar sua condição humana de vida na rua ou até mesmo deixá-la, ou seja, sempre que o sujeito da videografia se empolgada com esses apelos estético, construídos a partir de discursos médicos em nome de melhorar sua aparência, ela reformula sua fala para pedir cobertores e barraca, para combater o frio intenso de São Paulo. Na legenda, todavia, a única preocupação anunciada é o tratamento do cabelo de Alice, revelando uma verdade discursiva de que o corpo Trans precisa estar impecável. Portanto, podemos perceber a posição objetiva que o #ProjetoExistimos assume sobre os corpos Trans e Travestis, um modo de objetivar ficando nos direitos humanos e discursos politicamente corretos, em estratégias inclusivas de corpos tomados para a abjeção.

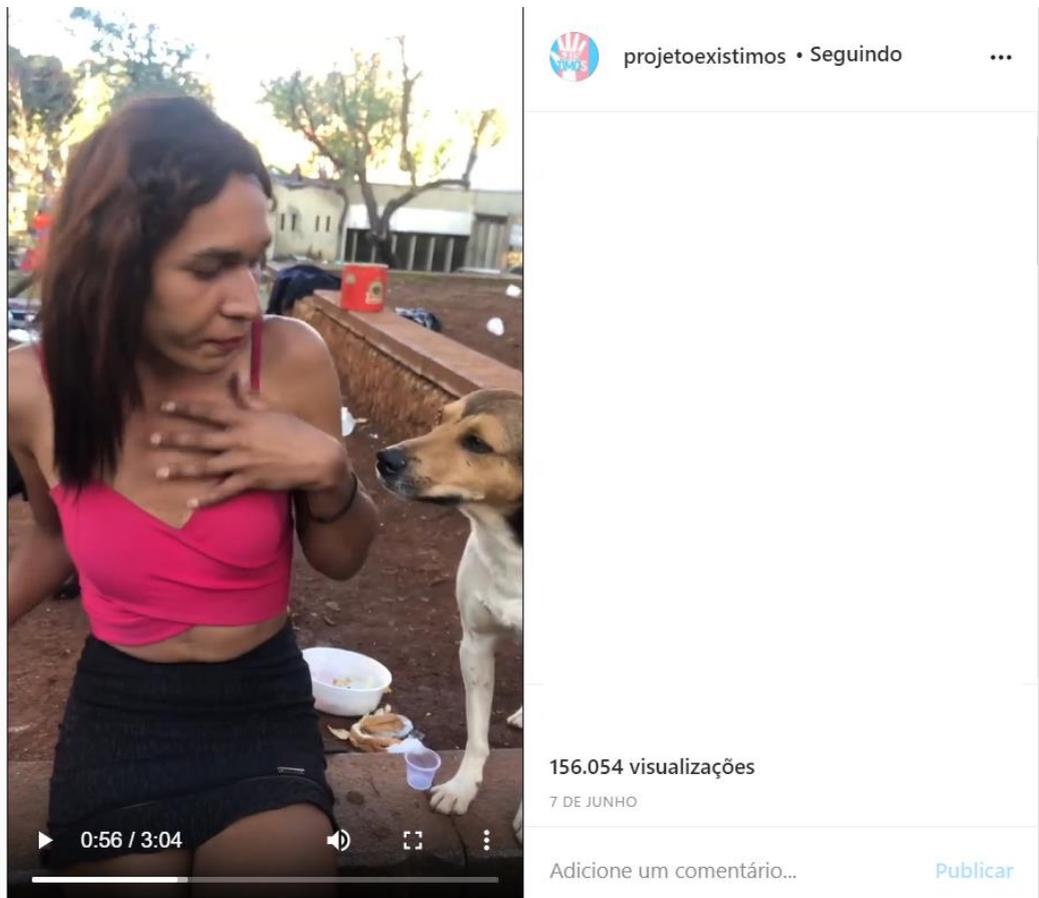
3.2 CHIARA⁷

Dando seguimento com nossa análise, trazemos uma nova videografia, retirada do perfil do #ProjetoExistimos. A narrativa selecionada é de CHIARA, o vídeo, coletado em 10 de novembro de 2020, tem cento e cinquenta e seis mil visualizações, três minutos e quatro segundos e foi publicado em 07 de junho deste ano (2020), no perfil do projeto.

No início da videografia de CHIARA, é muito fácil reparar o imprevisto que existe por trás dessa construção caseira de exibição dos sujeitos Trans e Travestis, por parte do #ProjetoExistimos. Logo, não acreditamos que a presença do amador, nessas narrativas, se manifeste como uma consequência, pelo contrário, entendemos o amador e a improvisação como elementos intencionais para conectar os sujeitos Trans e Travestis que falam com os demais que escutam. (SIBILIA, 2008).

⁷ Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CBJ7A78gAAd/?utm_source=ig_embed > Acesso 10 de nov. 2020

Frame 4 – CHIARA se assusta com presença de cachorro.



Fonte: #ProjetoExistimos – *Instagram*, 2020.

Iniciamos com este *frame* para apresentar CHIARA e o cenário em que sua narrativa é produzida. Neste recorte inicial, encontramos muitos elementos semelhantes ao de ALICE, no entanto, a construção cinematográfica que ilustra o fundo desta videografia, aproxima-se muito mais da charge de Gilmar⁸, utilizada na introdução desta pesquisa. Por isso, nos dois cenários, encontramos a presença de muita sujeira, marmitas de comida espalhadas pelo chão, a circulação de animais, como cachorros e pombos, e ainda no áudio, é regular escutar altos barulhos de transportes e outras pessoas falando.

SE05:

[#ProjetoExistimos] A Chiara tem um recadinho para as manas do Brasil todo.

⁸ Disponível em <https://twitter.com/cartdascavernas/status/1279082306418982912> acesso em: 27 jul. 2020.

[CHIARA] Espera aí bicha, vamos mentalizar o que eu vou falar, espera ainda.
[[#ProjetoExistimos] Conta tua história, teu sonho de vida.
[CHIARA] uhum.
[[#ProjetoExistimos] porque que você veio...
[CHIARA] gente, cada vez mais a senhora tá me deixando...ou isso vai virar uma grande merda ou vai me levantar pra sempre
[#ProjetoExistimos] vai, vai, vai
[CHIARA] vai deixar a senhora rica, mais do que já é, né [risos]
[#ProjetoExistimos] Conta, conta...
[CHIARA tosse] Espera, me dá uma dose.
[risos]
[CHIARA] Sabe que bicha funciona com dose. (CHIARA; #PROJETOEXISTIMOS, 2020, s.p.)

Inegavelmente, esta SE05 marca a identidade caseira recorrente nas narrativas do #ProjetoExistimos, por meio desse delineamento do vídeo, podemos perceber um sujeito intimidado e inseguro em falar, uma vez que essas visibilidades e dizibilidades não são comuns para o sujeito Trans/Travesti. Isto é, por passar grande parte da sua vida sendo silenciada e impedida de falar a situação não é comum para CHIARA e ela sente-se pressionada, por isso, o sujeito pede um tempo para pensar no que vai dizer e como irá se expressar, tendo plena convicção que sua narrativa pode ser uma grande vergonha ou a oportunidade que ela precisa para conseguir ajuda e mostrar as verdades sobre si enquanto mulher Trans/Travesti em situação de rua. “As videografias de si, portanto, abrigam processos de identificação e assuntos que agregam um caráter universal dentro daquela rede de relacionamento” (LIMA; MARTINS, 2016, p. 7), embora, apesar do incentivo que recebe do #ProjetoExistimos para falar, o sujeito continue inseguro e temeroso, pois não sabe como vai estabelecer essa “rede de relacionamento” com os seguidores da página.

Um outro ponto, importante nesta Sequência Enunciativa, é a fala do sujeito que valida nossa análise sobre a legenda da videografia de ALICE como forma de anúncio publicitário, de fato, o intuito de ambos, narrativa e propaganda, é gerar, de algum modo, um certo fluxo de dinheiro entre quem anuncia determinado produto e os interessados. Em outras palavras, quando o sujeito discursivo se refere ao #ProjetoExistimos e afirma que ele (o projeto) vai ficar mais rico do que já é, em consequência das visualizações da narrativa, para nós, fica claro a desconfiança e a marca de docilização de um corpo, que costumeiramente é usado e submetido como objeto (FOUCAULT, 1987).

SE06:

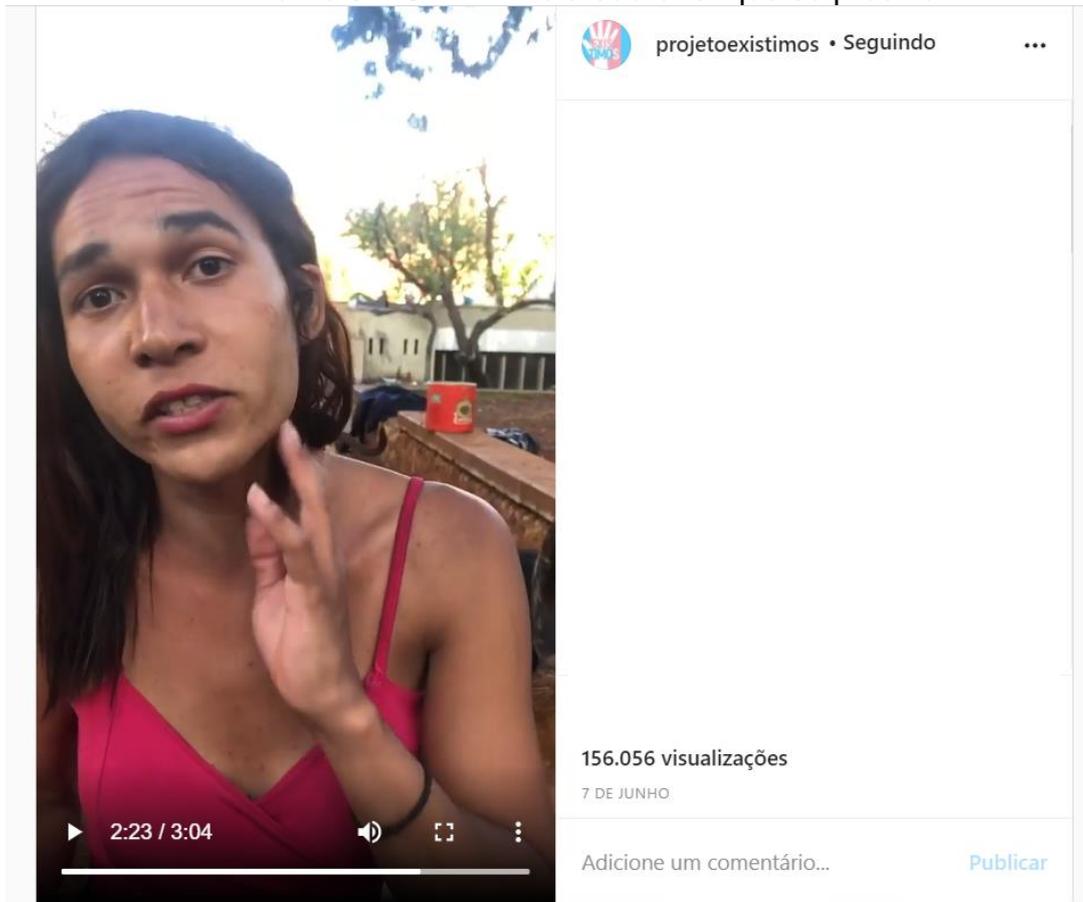
Oi meninas, como cê me conhecem, eu me chamo Chiara, gostaria...bom nesse momento é boa tarde, a gente vai contar um pouco da minha história no vídeo do André, sobre minha situação realidade de vida, sobre os meus sonhos, eu não me orgulho muito das minhas escolhas, entendeu? Minhas escolhas gerou uma consequência que me gera uma certa resistência, mas a resistência que a gente teve para chegar até aqui, pra sobreviver até aqui, é a mesma resistência. Com a ajuda de vocês, com a oportunidade de vocês pra mudar essa realidade, entendeu? Então conto muito com vocês para mudar essa realidade.

A saber, quando finalmente o sujeito passa por todo um ritual e organiza sua narrativa, levando quase metade do tempo do vídeo para isso, ele ainda um pouco tímido, fala sobre más escolhas que tomou, apesar de não explicitar quais, e fala sobre resistir. A resistência que é uma máxima das relações de poder, sendo impossível existir uma sem o outra,

que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade (...) Não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande recusa - alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim, resistências no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição não podem existir a não ser no campo estratégicos das relações de poder. (...) Elas não são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como interlocutor irreduzível" (FOUCAULT, 2020, p. 91)

Ou seja, as relações de resistência mencionadas pelo sujeito Transexual/Travesti, que anuncia a SE06, é um plano de sobrevivência, principalmente para aqueles que se encontram em situação de rua. Aliás, continuar vivendo e lutando por suas vidas é o primeiro ato de resistir contra um dispositivo Biopolítico, que se pauta no controle sobre a vida dos infames, quer dizer, vidas que subvertem as relações de poder e modificam a dominação que sofrem na realidade Transexual e Travesti. Por isso, para o #ProjetoExistimos, que grava o vídeo e vive outra realidade, a situação se constrói em um campo de objetivação dos corpos Trans/Travestis, apesar da premissa de conseguir ajuda afincada nos discursos humanitários. Entretanto, para os sujeitos Trans e Travestis que aparecem nas narrativas, os vídeos seriam um pedido de socorro e um convite para formar uma aliança contra a realidade que maltrata e apaga suas verdades e existências.

Frame 5 – CHIARA fala sobre ter que se prostituir.



Fonte: #ProjetoExistimos – *Instagram*, 2020.

SE08:

Mas a gente moramos aqui nessa situação, na realidade atual da nossa vida, mas todas trabalhamos: tem a barraca daqui da nossa amiguinha Paula, uma saída pra manguear, manguear que a gente fala que é pedir...que seria atualmente esmola, entendeu?! Outra vende uma roupinha ali, outra faz um programa, eu sou uma dessas normalmente tá nessa realidade também, mas acima de tudo nós queremos...é uma luta, é uma luta que nós traz sofrimento, às vezes...é uma luta que a gente tá tentando...erra, erra, dá muito erro, mas também dá muito acerto.

A situação de rua, como coloca Bia Doria no início desta pesquisa, está longe de ser atrativa. Com base na descrição do sujeito, sobre suas responsabilidades para conseguir dinheiro, podemos perceber a dura precariedade e as situações que envolvem os sujeitos Trans e Travestis que se encontram nas ruas. A prostituição é

muito presente na realidade das sexualidades marginalizadas, de acordo com o G1⁹, cerca de 90% das Travestis e Transexuais do país sobrevivem através da prostituição, de certo, esta é uma realidade preocupante, que retoma os discursos sobre a quem pertence o corpo Transexual e Travesti, inegavelmente, visto e entendido como um corpo que pode ser utilizado para alcançar prazeres mas que ele é privado disso, encontrando deslegitimidade nos princípios morais e éticos de uma sociedade conservadora que defende e valoriza o puritanismo (FOUCAULT, 2020).

SE09:

Nós não estamos aqui pra brincar, entendeu, nós viemos nesse mundo pra trazer uma realidade e o que acontece com nós, e o que acontece conosco, querendo ou não, me desculpa, mas é muito isso, consequência de muita realidade atual, atual não, antigamente desculpa a palavra, de nos jogaram aqui, nos jogaram aqui, e vocês poderia...e vocês podem nos tirar daqui, esse é meu recado, muito obrigado.

Em conclusão, este encerramento é sem dúvida, umas das partes mais importantes da narrativa para compreendermos a subjetividade e percepção que os sujeitos Trans e Travestis tem de sua própria realidade, pois, o sujeito reconhece a presença dos discursos médicos, *psi* e jurídicos que colocam os corpos abjetos nesta posição de vulnerabilidade. O sujeito discursivo expõe, para o público, um sistema político muito antigo que acomete a situação de centenas de Transexuais e Travestis, e mais ainda, ele afirma que é com a ajuda do(s) outro(s), dos que estão fora, que a realidade pode ser alterada.

Portanto, a videografia de CHIARA é a narrativa do “nós”, em poucos momentos ela refere-se a si enquanto sujeito individual, sempre trazendo o foco para o conjunto de pessoas que assim como ela, LGBTQIA+, estão em situação de risco nas ruas e enfrentam o olhar e as forças de mecanismos de poder que continuam empurrando, cada vez mais, estes corpos para dentro de caixões, para exemplificar, só nos dois primeiros meses do ano de 2020 foi registrado um aumento de 90% no número de Trans e Travestis assassinadas/os no Brasil. (Fonte: ANTRA)¹⁰

⁹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/cerca-de-90-das-travestis-e-transexuais-do-pais-sobrevivem-da-prostituicao.ghtml> > Acesso em: 12 de nov. 2020

¹⁰ Disponível em: < <https://antrabrasil.org/category/violencia/> > Acesso em: 12 de nov. 2020

Frame 6 – Legenda publicada junto com o vídeo de CHIARA.



Fonte: #ProjetoExistimos – Instagram, 2020.

Por fim, temos a apresentação da legenda feita pelo projeto, que retrata a emoção ocasionada graças a narrativa de CHIARA. Com o lema “estamos juntas com você”, forma-se uma espécie de aliança política (BUTLER, 2018) e social com as pessoas do outro lado da tela e a legenda é finalizada com uma palavra que retoma os discursos de resistência que são característicos da realidade Trans e Travesti: existimos. Existir é sobreviver, é mostrar verdades que vão além das inventadas, é lutar, é bater de frente contra uma norma definida por uma elite branca, cis e cristã, e existir é lutar pelo fim da invenção e pelo começo da dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transexualidades têm irrompido de diferentes canais na sociedade moderna, graças ao advento de um novo modelo contemporâneo e atencioso sobre vidas até então tidas como irrelevantes ou desnecessárias, a luz da mídia digital tem dado oportunidades para que as verdades Trans possam emergir dos próprios sujeitos, conseqüentemente, revelando as singularidades que rompem com as verdades inventadas nos saberes discursivos.

O objetivo geral, de entender como a subjetividade trans se manifesta através das videografias, foi possível graças as técnicas de *frame* e transcrição de vídeo retirados do perfil do #ProjetoExistimos no *Instagram*, a partir disso, podemos analisar como as verdades sobre os sujeitos são possíveis e como esses sujeitos compreendem sua realidade dentro da ótica dos discursos. Outro objetivo que alcançamos, com a presente pesquisa, foi analisar a objetivação proposta por meio das legendas das videografias postadas na página do #ProjetoExistimos e por fim, trouxemos uma descrição analítica de algumas teorias foucaultianas sobre os corpos, sexualidade e poder, a fim de ter uma luz guia para entender a problemática das Transexualidades na vida cotidiana e marginalizada.

Em relação às análises, podemos perceber como os sujeitos Trans/Travestis enxergam sua realidade como LGBTQIA+ e como a situação de rua interfere ainda mais na sua construção identitária e humana, por meio de suas narrativas, captamos um sujeito Trans/Travesti que resiste e subverte a norma cisheteronormativa por simplesmente existir e esse rompimento, com a norma, faz sua existência ser uma ameaça a construção puritanista. No que diz respeito às legendas, notamos como o olhar artificial de um sujeito, fora da realidade Trans, apesar de pautado nos discursos humanitários e do politicamente correto, pode objetificar e reduzir as singularidades e necessidades reais na sobrevivência de sujeitos Trans/Travestis que sofrem pelas condições precárias de viver na rua.

Por fim, resumimos nas palavras de Lima Neto (2020, p. 133) o que acreditamos ser uma necessidade ao elaborar esta pesquisa:

Ainda somos o país que mais mata transexuais e travestis por pura transfobia (segundo dados da ANTRA). Corriqueiramente vemos emergir nas mídias sociais corpos trans mutilados, apedrejados, espancados, mortos. Os regimes de visibilidade que tanto discutimos nesta pesquisa por vezes só dão a ver corpos já sem vida, desprezados, inventados para a abjeção, para o exótico, para o fetiche. Este mundo que, segundo palavras de Fernanda, inventa os corpos trans a partir do desprezo, da violência, da intolerância e, em nosso país, da morte, precisa trabalhar sobre si mesmo de modo que alcancemos outro lugar, em que transexuais, travestis e todos os corpos aceitos e discursivizados através da sigla LGBTQIA+ sejam visíveis em profissões diversas, ocupando cargos públicos, lugares acadêmicos, políticos e midiáticos, sem serem reduzidos/as às estatísticas de morte e prostituição.

Portanto, que usemos nosso privilégio cis para trazer discussões acerca dos corpos que tem sua oportunidade de fala interrompida pela barbárie produzida em discursos que ainda (re)produzem normas conservadoras baseadas em uma verdade cristã, branca e heteronormativa. Com este estudo, compreendido enquanto um pequeno lampejo de luz sobre os corpos Trans e Travestis, incentivamos outras pesquisas no campo dos estudos discursivos foucaultianos, uma vez que, são muitos os desfechos e complementos possíveis para desenvolver a problemática das Transexualidade e dos Travestimentos na modernidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. A formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Revista Filogênese**. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 148-162, 2013. Disponível em: < <https://www.marilia.unesp.br/#!/filogenese> > Acesso em: 21 out. 2020.

BENTO, Berenice. Gênero e Sexualidade como arma de guerra. In _____ . **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: ADUFBA, 2017.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista de Estudos Feministas**. n.20, v,2, Florianópolis, 2012. p. 569-581.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Bruno César Simões. Práticas autobiográficas contemporâneas: as videografias de si. **Doc On-line**. n.06. Agosto de 2009. p. 141-157

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.203-222

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 10ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GARCIA, Valter Paveloski. Transexualidade e teoria Queer a partir da vontade de saber em Michel Foucault. **Revista COMFILOTEC**. v.5, n.3, 2017.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humanismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

LIMA NETO, Izaías Serafim de. **Discurso, verdade e experiência de si**: (re)existência trans na hipervisibilidade do youtube. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. 139p.

LIMA, Fátima. **A construção do dispositivo trans**: saberes, singularidades e subversões da norma Popular. 2013. Disponível em: < <https://anpocs.com/index.php/papers-37-encontro/st/st36/8652-a-construcao-do-dispositivo-trans-saberes-singularidades-e-subversoes-da-norma/file> > Acesso em: 19 nov. 2020.

LIMA, Kárin Kleim; MARTINS, Analice de Oliveira. **“Videografias de si”, narrativas de nós**: a intimidade compartilhada em *jout jout prazer*. 2016. Disponível em: < <http://evidosol.textolivre.org> >

ROCON, P. C. *et al.* Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.21, n.8, p. 2517 – 2525, ago. 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo: v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

URIAS. **Andar Em Paz**. Lan Lach, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tjPcP17iXYY&list=OLAK5uy_l8eYApfiHdYOIzzarZRKzBDgu7YAgE-b8 acesso em 29 set. 2020